

**Em reunião com estudantes,
professores e trabalhadores**

28 de Junho de 1989

Notícias [Maputo]

Presidente Chissano analisa os problemas da Universidade

O Presidente Joaquim Chissano reuniu-se na manhã de ontem com os estudantes, professores e trabalhadores da Universidade Eduardo Mondlane em Maputo. O encontro, que decorreu no complexo gimnodesportivo no «campus» universitário, marcou o final da visita que o Chefe do Estado iniciou no último sábado a algumas Faculdades daquele estabelecimento do ensino superior. Na ocasião, o Presidente Chissano analisou os múltiplos problemas existentes naquele sector e traçou importantes orientações para a sua solução. Pela sua importância e oportunidade, passamos a transcrever na íntegra o discurso proferido ontem pelo Presidente da República:

«Parece-me que a nossa conversa se iniciou já ontem, pois que eu vi hoje publicados no jornal alguns extractos da conversa que eu tive com alguns estudantes, com alguns professores das Faculdades de Engenharia e de Ciências. E aí situei o género ou o tipo de trabalho que estamos realizando: visita à Universidade Eduardo Mondlane como uma visita de trabalho, que tem como finalidade conhecer melhor este sector de actividade do nosso País, conhecer este sector por dentro.

Eu estou em Maputo, mas nunca tive esta oportunidade ou este privilégio de visitar a Universidade Eduardo Mondlane, pelo menos desta forma, que estou fazendo agora. Já tive uma oportunidade de cá vir para falar com trabalhadores, com estudantes, com professores, mas no quadro do trabalho do Partido.

Comecei assim a inteirar-me dos problemas da Universidade. Mas antes dessa visita, um dos meus primeiros actos foi o de ter uma conversa com o Reitor da Universidade a quem pedi um relatório a fim de saber o que é a Universidade. Ele fez-me um relatório quase exaustivo. É interessante que já nessa altura ele me colocou quase todos os problemas que vieram a ser conhecidos em público agora em Maio, quando os estudantes decidiram gritar em alta voz sobre esses problemas. Isto era para dizer que foi já nessa altura que começamos a falar de soluções para a Universidade Eduardo Mondlane, de alguns problemas. Outro encontro com estudantes foi uma ocasião que não era para se discutirem problemas, no pavilhão do Estrela Vermelha. Focámos alguns desses problemas como uma forma de incitar os estudantes, os professores, a própria direcção da Universidade, o Governo, a Juventude, as mulheres — portanto, os pais, as mães e os estudantes — para se pensarem em soluções que pudessem estar ao nosso alcance.

Pensávamos que isso seria a base de partida, base de reflexão. Isto era para dizer que apesar de estarmos aqui a fazermos esta visita desta maneira, pela primeira vez, não é a primeira vez que estamos em contacto com a Universidade.

Tomámos sempre a prudência, a cautela necessária sempre ao abordar-mos os assuntos da Universidade, precisamente porque sabíamos que não a conhecíamos o suficiente por dentro para podermos formular directivas ou opiniões que conduzissem à solução dos problemas.

Nessa altura, porém, começaram a ser resolvidos alguns problemas. E a solução que está ao nosso nível dos problemas da Universidade é uma solução mais ou menos global para a qual deve-se reflectir sobre os recursos e as formas de solução.

Diríamos que pensamos quase da mesma maneira como pensamos nos problemas enormes que existem no seio das nossas Forças Armadas, no seio da Polícia, no seio das Forças de Defesa e Segurança, para citarmos apenas estes. E por que citamos estes? É porque aqui o processo também foi desencadeado.

E nós chamamos a isto o processo de reorganização das Forças Armadas, reorganização da Polícia. Para alguns, a reorganização ficou na substituição de um oficial por outro. As vezes dizem que a reorganização parou porque não se substituiu outro oficial. Pensavam que isto é que era reorganização. Para outros reorganização significava a compra de fardamento novo. E depois dizem que a organização parou porque falta a compra de vitórias novas, a organização parou porque a construção do bairro da Polícia parou.

Mas para nós reorganização significa a criação de condições que permitam um desenvolvimento contínuo, que permitam um trabalho harmonioso, que permitam que numa situação em que as condições são miseráveis passemos a condições que podemos considerar pobres, mas já não miseráveis, para passarmos para condições boas e depois óptimas de trabalho.

O que importa é termos uma base que nos permita arrancar e avançar. Por isso, temos que pensar nos recursos. Temos que pensar no que fazer enquanto esses recursos não chegam. Temos que saber dimensionar para podermos avançar com segurança. Ontem eu dizia: temos que pensar naquilo que é o ideal. E podemos decidir alcançar esse ideal, mas temos que ter um ponto de partida realístico e temos que fazer tudo para que esse ponto de partida seja bem definido, e ao darmos o primeiro passo possamos dar esse passo com segurança para podermos avançar.

Foi assim que nos primeiros dias pensámos na Universidade. Que era necessário emprendermos um trabalho de reorganização da nossa Universidade. Reorganização como nos outros casos a que me referti que deve compreender uma concepção correcta daquilo que nós queremos ser. Conceber a nossa Universidade de uma maneira correcta. O que queremos que a nossa Universidade seja? Queremos que ela seja uma ilha na sociedade, queremos que ela seja uma empresa autónoma, independentemente queremos que seja uma entidade independente e de controlo próprio onde os estudantes vêm comprar e vender? Queremos que a nossa Universidade seja uma instituição de ensino gratuito? Queremos que a nossa Universidade seja selectiva? O que é a nossa Universidade?

As minhas perguntas não são exaustivas. A concepção do que é uma universidade, no nosso País exige os esforços intelectuais de todos e sobretudo dos professores, da direcção da Universidade, do Governo, dos sindicatos, das mulheres e também dos jovens. Por que é que digo «e também» e não os coloco ao mesmo nível que outros? Porque os jovens têm muitas ideias, mas os jovens nunca estiveram, antes de virem para a Universidade, numa Universidade. Têm aspirações que podem ser justas e correctas, mas são aspirações não testadas pela idade, pela vivência, não tiveram talvez a experiência necessária e suficiente. Mas eu digo que também devem ser ouvidas es-

sas mesmas aspirações porque quando no caminho certo são aspirações que devem ser recebidas estudadas e satisfeitas na medida do possível, em momento oportuno.

Nós podemos, conluando esses esforços intelectuais, definir, portanto, conceber o que deve ser a nossa Universidade. Não sei se essa reflexão já foi feita de uma forma exaustiva. Nas Forças Armadas é um assunto que já se discute, a concepção do que são as Forças Armadas e o que devem ser.

Isso é fundamental para depois podermos avançar. E isto que nos deve preocupar, para depois seguir a segunda pergunta: Como fazer para se alcançar esse objectivo, para se realizar essa opção? Mas ao colocar estas perguntas não podemos estar parados. Devemos caminhar ao mesmo tempo que pensamos.

Nos anos 50, nós jovens negros moçambicanos que andávamos nas escolas secundárias — não havia universidade — já conversámos sobre o futuro do País. Já tínhamos aspirações de ver uma maior participação do moçambicano, e naquele tempo falava-se do negro. Tínhamos estas aspirações, uma maior participação, enfim, alguns de nós já pensavam na independência nacional.

Nos fins de 1950, conhecemos pessoas mais idosas a que nós chamávamos velhos naquela altura — a hoje, já não aceitaríamos se eu chamasse velhos a eles tinham talvez a minha idade. Diziam-nos: Talvez esperarem que nós tenhamos 50 médicos negros, 50 engenheiros negros, 50 veterinários, 50 juristas, 50 arquitectos, 50 oficiais... Então nessa altura estaremos prontos para lutar pela nossa independência.

Vamos o ponto, mas não estávamos convencidos, não estávamos mesmo convencidos mas podíamos ver nitidamente qual era o problema dos velhos. Não esperámos que fôssemos cinquenta, cinquenta, cinquenta.

Díssemos que vamos caminhar ao mesmo tempo que pensamos em como alcançar o objectivo, que é o da consolidação da independência, uma vez que temos 14 anos de independência. Não sei se já chegámos ao número de cinquenta, cinquenta, cinquenta.

Talvez em alguns ramos, sim, já temos cinquenta, talvez em alguns ramos.

O que verificamos é que para construirmos uma estrada quem nos dá a concepção do que a estrada deve ser ainda são estrangeiros. Vamos pedir ao estrangeiro para nos dizer se podemos ou não construir aquela estrada por várias razões, mas pela razão também de que nós ainda não estamos seguros de poder decidir sobre essa matéria.

Queremos um programa de segurança alimentar, é o estrangeiro que queremos um programa de saúde, é o estrangeiro. Bom, não somos umicamente nós em Moçambique, podemos até dizer que nós temos sorte porque já participamos tal como outros países que têm vinte, trinta anos de independência e ainda fazem a mesma coisa encomendam estudos de vahiidade. Bom voltamos ao nosso ponto. Falávamos da concepção

Quem deve fazer a concepção são essas pessoas que surgiram do nada, e se formaram, e que agora já sabem o que é uma Universidade, e que agora podem fazer uma comparação de uma universidade com a outra, podem estudar. Esses é que podem. Então agora, juntamente com a população toda, podem orientar essa concepção.

Estamos a dizer, bom, a nda não os temos todos. Ontem quem nos podia dizer o que é uma Faculdade de Engenharia era um estrangeiro; quem nos podia dizer o que é uma Faculdade de Arquitectura era um estrangeiro, quem nos podia dizer o que é uma universidade era um estrangeiro. Podíamos ter reitor moçambicano, director da faculdade moçambicano, mas tinha que haver um estrangeiro para essa concepção.

Portanto, não é naquela altura em que nós chegámos e, antes de termos esse grupo de gente capaz de fazer a concepção nós não podemos exigir uma concepção já feita, alguém terá que a fazer. É óbvio que o começo será de uma forma deficiente. O começo não será perfeito, portanto alguém terá que corrigir o que não está perfeito, aperfeiçoar. E, esse alguém terá que ser produzido aqui, mas não esquecendo o que eu disse atrás. Aqui, mas não isolado da sociedade.

Bom, o Reitor anu' falou das tarefas que estão sendo realizadas e que conduzirão, certamente, a uma melhoria das condições até meter as na Universidade. Ele falou com um tom de optimismo e eu creio que ele tem razão de falar com um tom de optimismo, porque eu lá visitei as faculdades, vi o que há lá, vi as dificuldades que existem, e senti que os docentes estão ansiosos por terem sempre melhores condições para formarem melhor os seus estudantes.

Mas também percebi que as soluções não são fáceis. Um exemplo que eu vi ontem foi na Faculdade de Ciências, no Departamento de Física, mostraram-me uns livros e fizemos os cálculos, são os livros que têm uma espécie de índice para nos dizer pura e simplesmente quais são os livros ou as revistas que existem no Mundo através dos quais podemos nos informar sobre uma determinada matéria. E fizemos os cálculos: só para comprar esses livros para as necessidades de todas as Faculdades, vimos que necessitaríamos de 180 mil dólares por ano. Não para comprar as revistas elas próprias, que é aquilo que de facto necessitamos para fazer as consultas e para aprendermos. Fizemos as contas: 180 mil dólares. E depois para as revistas... e depois para mais livros...

Eu aí entendi que a solução não era uma solução fácil. Pensámos logo que era necessário que houvesse uma biblioteca, talvez do tamanho deste pavilhão, para tudo aquilo que fosse de consultas de ordem geral ou comum a todas as faculdades, para que cada faculdade pudesse ter a sua biblioteca especializada. Comecei logo a pensar; qual é a prioridade? Construir um pavilhão deste tamanho como biblioteca ou construir um restaurante universitário deste tamanho,

bem aparelhado? Comecei a pensar — é que estas visitas fazem pensar de facto — e continuei.

No Departamento de Física o director diz-me que «estas máquinas podem fazer alguma coisa». «Alguma coisa?» Não são assim máz'nhas mas realmente para o curso, Senhor Presidente, estamos ainda muito longe. Talvez o Banco Mundial vai nos ajudar há um programa do Banco Mundial para aparelhar esse laboratório de Física. Foi para o laboratório de Mecânica e disseram-me: «estamos à procura do dinheiro para substituir estas máquinas, há um programa de reabilitação destas máquinas porque estão obsoletas». Existe um programa. Eu comecei a pensar que quando sair daqui para o estrangeiro qual é a campanha que devo fazer (risos e palmas).

Na Faculdade de Agronomia mostraram-me um herbário com uma colecção fabulosa, plantas colhidas nos anos trinta, vinte em mil noventa e trinta e tal, mil novecentos e quarenta e tal, mas começam a inquietar-se pelo seu estado de conservação e disseram-me que estavam a construir um herbário qualquer por aí. Não sei se essa construção não será uma construção precária, provisória e paliativa. Qual é a prioridade?

Naquele ano em que discutimos com o Reitor ele quase que chorava porque não sabia onde colocar os estudantes, porque estavam a chegar e dissemos: olhe, ponha alguns naquela casa como uma medida paliativa, naquela casa que era do Comissariado Político e, entretanto, vamos pensar como resolver o problema.

Estudantes não podem vir das províncias... Enquanto pensámos nisso havia necessidade de recrutar professores estrangeiros. Onde colocar professores estrangeiros? Eu disse: certamente que não vou colocar na minha ent'ga casa na Mafalala (risos e palmas).

Não somente porque ela já foi nacionalizada tem os seus inquilinos que vivem lá, mas certamente porque o professor estrangeiro não conseguirá dormir naquele quarto que pinga água gelada à meia-noite. Mas foi lá onde eu vivi. Foi de lá que eu parti para fazer o meu exame de admissão à Universidade e passei. Mas certamente que não é o lugar para o professor estrangeiro. Mas como fazer?

Quando eu sair qual é a campanha que vou fazer? Construção de casas para estudantes ou construção de casas para os professores estrangeiros? São problemas. Qual é a prioridade? Eu confinei-me às prioridades, quer dizer que há luta na minha cabeça e na cabeça dos dirigentes sobre a definição de prioridades apenas para a Universidade Eduardo Mondlane.

Mas podia-me referir à batalha que também temos nas nossas cabeças sobre a necessidade de estabelecer prioridade entre o ensino primário e o ensino universitário. Podia batalhar na minha cabeça para estabelecer as prioridades, entre o ensino universitário e o ensino secundário. Não sei se devo resolver, em primeiro lugar, o aumento de salários para o professor primário ou aumento de salário para o professor secundário ou aumento

de salário para o docente universitário moçambicano.

Porque ontem disseram-me: temos dificuldades, senhor presidente de recrutar os docentes moçambicanos porque as instituições, as empresas já fora pagam melhor.

Mas também já ouvimos dizer que o professor secundário já não sei qual é a terminologia, mas há uma giria aí... dizem que o professor secundário pede, muitas vezes, aos alunos para irem ped'r não sei o que ao paná para trazer no dia seguinte. «Na segunda-feira pode vir com a tal coisa?». «Senhor professor onde vou encontrar?». «Diz ao teu pai que vai te dar. Quem traz passa, quem não traz chumba».

Porquê? O professor secundário ca n'ha mal. Na escola primária, talvez não aconteçam estas coisas, mas sabemos também que o professor tem grandes dificuldades. E se o professor secundário não se dedica não se forma, está desmotivado, temos mais alunos que entram na Universidade a chumba no primeiro ano. Quando chumba repete, o bolsário quando chumba repete o ano. Quantos contos são por ano? São 260 contos por ano actualmente, com o chumbo 520, mas temos que aumentar a bolsa do estudante. Vamos tirar de onde? Dos 260 do chumbo ou mudando a entrada na Universidade do estudante que sabemos, de antemão, que vai chumbar por mal preparado, para pudermos aumentar talvez o dinheiro para aquele professor secundário para este ter coragem de ensinar melhor. São opções a fazer, são prioridades a estabelecer porque temos que decidir onde ir buscar o dinheiro para cada uma destas coisas destes exemplos que eu dei. Bom, vou avançar. São formas de organização, são os aspectos que exigem a organização da nossa vida. Aqui falei de opções, de prioridades, mas posso falar de normação e se as normas não estão ainda sólidas como poderemos avançar?

Indo para o exemplo das Forças Armadas, há muita legislação que faltava, muitos regulamentos que faltavam, e para redigirmos esses regulamentos não é fácil. Às vezes precisamos-se uns bons meses de estudo, de confrontação com experiências, para termos um regulamento de procedimentos. Já devem ter ouvido falar de problemas da logística para as Forças Armadas, e de problemas de organização. Às vezes não são problemas de carência ou de falta. Mas às vezes são problemas de falta de regulamento. Um regulamento capaz de nos permitir um controlo eficaz.

É preciso regulamentar mas depois é preciso controlar e para que o controlo seja eficaz é preciso que a própria norma, o próprio regulamento, permitam que haja um controlo, permitam que se detecte o desvio a tempo e horas, permitam que se estabeleça correcção. Portanto, quando nós falamos de reorganização falamos de muitas coisas que é preciso realizá-las, mas também quer dizer encontrar os meios práticos, as for-

mas práticas de aumentar os recursos porque não basta conhecer as prioridades é preciso saber distribuir os recursos e é preciso saber procurar e encontrar os recursos, compatibilizando então a realização do nosso programa com os recursos e com as prioridades.

O que é que fazemos este ano, o que faremos no próximo ano, o que é que fazemos hoje e o que faremos amanhã.

Tomel aqui nota de um ponto que não era para ser referido neste momento em que estou a introduzir, está a colocar as questões para provocar o debate. É um debate na Universidade é uma coisa um pouco difícil, não é? Mas vamos, vamos debater mas para não me fugir da cabeça porque o debate pode me conduzir a outras discussões, queria dizer o seguinte: quando em Maio ouvimos as reivindicações dos estudantes eu, eu, blinhei um ponto mas não disse a ninguém, mas sublinhei-o, e observei-o. Val servir no futuro.

Houve reivindicação de estudantes, começaram-se a desenhar certos apoios às reivindicações desses estudantes. Mas como é que se desenhavam esses apoios? Foi em forma de novas reivindicações de outros grupos de pessoas, creio que até houve docentes, mas os docentes não faziam reivindicações no sentido de apoiar os estudantes a encontrar soluções para os problemas dos estudantes. Estavam a fazer reivindicações para apresentar os seus problemas, para a solução dos seus problemas ao mesmo tempo que exigiam a solução de todos os problemas. E penso que a onda podia ser contínua, mas o fenómeno é este, é esse que se diz solidariedade, mas solidariedade que não se solidariza para resolver o teu problema, o problema nacional. Mas solidariza-se contigo para resolver o seu problema.

O dia em que o seu problema estiver resolvido tu não passarás de um «chato», um homem que não conhece o que são os sofrimentos, tu que reivindicas à toa porque ele já resolveu o seu problema. Hoje tivemos reivindicações de estudantes e eu digo isto de propósito hoje para se ver se daqui a dez anos alguns aqui se vão lembrar disto.

Estou a tocar aqui este assunto de propósito para isso. Por isso é que não me queria esquecer. Para que daqui a dez anos, quando houver reivindicação de estudantes e quando tu fores Ministro das Finanças (risos), está a estudar economia para isso, saibas juntar-te às reivindicações dos estudantes e resolver sem demora (palmas)...

Digo mais, é que nessa altura terás muitos braços para te ajudarem, porque nessa altura terás bons contabilistas, terás bons economistas na frente de cada departamento da Universidade, terás bons gerentes nos restaurantes universitários, formados pela Universidade Eduardo Mondlane, terás bons gerentes nos lares universitários, na rouparia, na lavandaria, terás bons mecânicos, bons enge-

nheiros, nos TPM's terás bons gerentes lá que não deixam eqcangalhar a frota de camiões, dos transportes, dos machimbombos, tu terás isso tudo nessa altura.

Mas lembra-te do que no dia 27 de Junho de 1987 alguém disse. Quando estiveres a trabalhar, como dirigente sindicalista lembra-te de ter a solidariedade com os estudantes, não vinhas dizer: «mas estes estudantes querem ganhar o mesmo salário que o operário médio? Não, não, se aumente o dinheiro a eles antes que se aumente aos trabalhadores, porque nós é que produzimos». Lembra-te, nesse tempo.

O que apontei aqui foi que os dirigentes do amanhã são da Universidade, saem da Universidade. São estudantes primeiro, depois são dirigentes, foi isso que apontei. O senhor Ministro onde é que estudou? Estudou na Universidade Eduardo Mondlane, hoje é Ministro da Educação (prolongadas palmas).

Não sei se foi bolseiro, se não foi bolseiro. Se foi um estudante que trabalhava e ganhava dinheiro, não sei quanto, para vir estudar, mas hoje ele é que é o Ministro da Educação. Estudou na Universidade Eduardo Mondlane. Mas oh, esse Ministro não se interessa pelos assuntos dos estudantes, esse Ministro não compreende nada do nosso sofrimento na Universidade! É um Ministro da Educação! Esse o que é? Estudou aonde? É director de uma Faculdade aqui? És tu que não resolves os problemas deles? Mas estudou na Universidade Eduardo Mondlane! Eu podia ir buscar economistas, podia ir buscar pessoas das Finanças...

Qual é o fenómeno? Eu conheço um país — o Presidente desse país foi muito astuto: reuniu-se lá na Europa com estudantes do seu país que faziam muito barulho porque as coisas não andavam bem no país, o sector tal não andava bem, o sector tal não andava bem, batiam a mesa e tal é aquele presidente foi astuto e foi fazer mais uma reunião, pediu as propostas, saíram propostas muito bonitas, ele voltou para o país e fez uma remodelação ministerial. Tratava-se de estudantes que não regressavam ao país porque tudo andava mal. Ele fez uma remodelação ministerial e nomeou quatro ou cinco desses estudantes em diferentes ministérios e disse: estou muito satisfeito porque agora vamos ter prosperidade no nosso país, gostei muito daquela reunião que tivemos lá por isso eu decidi que você vai ser ministro disto, você ministro daquilo e assim tal, tal... tomá!

Passaram só dois anos, o Presidente já estava na rua a pedir para que deixassem os ministros continuarem a fazer a sua experiência. No terceiro ano não aguentou. Mas foi pior. Foi obrigado a prendê-los, porque realmente o país em vez de subir, descia.

O ideal e o possível. O possível é o prático. Isto é possível, sim, mas... agora vamos lá fazer na prática. Não basta dizer que é possível. Isto é, o

ideal mas o ideal é preciso ir até lá, como é que se faz para se chegar ao ideal?

Bom, como eu disse foi uma provocação, uma provocação para vocês poderem dirigir-se para assuntos que são necessários. Podemos discutir porquanto as reivindicações dos estudantes aqui foram repetidas mas nós já recebemos relatórios, as comissões estão a trabalhar, parece que os machimbombos já começaram a circular... Alguns machimbombos não, sei o que é que vamos fazer se partirem as molas, não sei.

Por acaso eu tinha um dinheiro aí, desse dinheiro que ando a pedir por aí fora, e destinei esse dinheiro para comprar alguns camiões para um comando militar de uma província determinada que eu visitei e encontrei muito desfalcao, em termos de transporte — desfalcao não, sem transportes. E como demorassem a vir os camiões eu tinha dito, bom, talvez vou propor à cidade de Maputo para comprar dois machimbombos para serem exclusivos da Universidade Eduardo Mondlane. Mas, entretanto, os camiões chegaram (risos), os camiões chegaram e a Universidade Eduardo Mondlane não tem machimbombos, o comando militar daquela província não tem camiões. Parece que optei pela província, porque a promessa já estava feita e vamos enviar os camiões para aquela província.

Isto era para dizer que de toda a maneira as comissões estão a trabalhar. Há problemas que estão a ter a solução possível no imediato, e há soluções a médio prazo que foram aqui anunciadas pelo Reitor, tais como a construção de novos lares com apoios do estrangeiro. Não sei quanto esforço interno vai ser dispendido, vai ser fornecido para a solução desse problema, não sei.

Não sei se os novos lares vão resolver todo o problema, até aqui não conheço nenhum país que já tenha resolvido o problema da habitação. Este problema é um problema de habitação. Estive há bem pouco tempo na RDA, e lá ouvi dizer que quase toda a gente já tinha habitação, mas agora estão num programa de saneamento da habitação existente, porque casas quase todas têm mas não são todas boas, portanto há um projecto de saneamento... e isto é na RDA, um dos países europeus mais avançados pelo menos entre os países socialistas.

É um problema de habitação, mas nós vamos construir com apoio exterior — repito, será uma solução definitiva? Ou daqui a cinco anos teremos outra greve por falta de habitação para os estudantes, ou daqui a cinco anos teremos uma população de estudantes que não podem vir estudar? Não será menos grave daqui a cinco anos do que agora se isso acontecer. E se nós não encontrarmos soluções nossas, mocâmbicanas, para os nossos problemas, as soluções que nós vamos ter serão sempre soluções paliativas.

Agora os outros problemas vamos ouvi-los. Estão aqui os trabalhadores, estão aqui os professores, estão aqui os estudantes, estão aqui os dirigentes. Então podemos ouvir o que tiverem a dizer, correndo o risco de perder o «Self» (aplausos). Quer dizer, chegarem tarde à hora do almoço. Mas podemos conversar, ainda há tempo. Quem quer falar é levantar a mão, o microfone está ali.

(Neste ponto, um trabalhador da Universidade colocou a questão da necessidade de se acabar com a guerra, dizendo que o Governo deve encontrar solução para o problema).

Póssó interromper o seu ponto é esse guerra? O nosso Governo deve estudar como pôr fim à guerra... Projecto de Teses para o 5.º Congresso. Quarta Tese, sobre a Política Nacional de Defesa e Segurança, directivas para discussão das Teses. O conjunto destas sínteses permitirá aos órgãos centrais do Partido conhecer o sentido e a vontade dos militantes e de todo o povo sobre qual a estratégia e tática a adoptar para o desenvolvimento do país. O estudo e a discussão do Projecto de Teses ao 5.º Congresso deverá permitir não só identificar os problemas que o país enfrenta e as suas causas, mas também apontar as soluções correctas para as situações detectadas, bem como as experiências que devem ser generalizadas.

Ouviram? Estas teses foram lançadas ao público para serem estudadas com o objectivo de permitir ao público apontar as soluções correctas para as situações detectadas. Hoje, penso que terminamos o estudo das Teses e estamos a ouvir alguém dizer: «o governo deve estudar». É solução, essa? Está a propor uma solução? «O governo deve resolver». O Partido disse: povo, temos este problema que se chama defesa e segurança do país, como é que achas que devemos resolver? A resposta: «deve resolver». Os problemas que estamos aqui a discutir hoje estão a ser discutidos, incluindo os problemas da universidade. Estão a ser discutidos porque o Partido traçou a palavra de ordem: «Vamos Estudar os Nossos Problemas».

Realizávamos a Conferência Nacional do Partido, detectámos os problemas e dissemos: os problemas são tantos, vamos compilar num livrinho, vamos lançar ao debate popular para encontrarmos as vias de solução. Mas quando se discute não é para dizer: «temos problemas, o Governo que resolve».

As teses incluem o desenvolvimento económico e o técnico-científico. Estas teses abordam os problemas da universidade, do desenvolvimento técnico-científico. Era isto que devia ser discutido e trazido de uma forma positiva para que haja uma solução. As soluções deviam estar lá. Para serem debatidas, para que houvesse decisões no Comité Central e no Congresso. Foi o Partido que levantou esses problemas. Mas alguns pegam nos problemas e começam a reivindicar.

O próprio Partido diz: há aqui estes problemas. O Partido disse: tragam soluções para podermos fazer uma síntese e formularmos. A resposta é que o Governo é lento a resolver, resolvam mais rapidamente, é tudo. Como é que se apresentam e como — sobretudo isso — como é que se resolvem? Agora,

resolvam o problema da guerra! Esse, problema de guerra, nós todos queremos resolver. Pode aproveitar esta tribuna para dizer como?

Ou está a dizer isso porque eu pelei ontem aqueles que fazem terrorismo para pararem de fazer terrorismo? É dessa maneira ou não? Ou é porque falei em mandar camiões para o Comando Provincial do Nassa, para aumentar a capacidade combativa? Ou porque Angola, enfim, está num processo de Paz?

Isso é para fazer lembrar que às vezes as pessoas são pouco sensatas. Quando o Governo ou o Partido começam a pensar na solução de um problema saltam e querem a solução perfeita no dia mesmo em que o Governo ou o Partido lhes fazem ver que existe um problema, que está haver um problema e que está à procura de soluções e que pede a sua colaboração para o resolver. Então eles querem a solução imediata.

O PRE, já que se falou no salário. O PRE o que é? Para alguns trata-se de aumentar a taxa de câmbio. Não vêm o aumento da taxa de câmbio como uma das condições necessárias para que o PRE seja realizado, confirmam o PRE a isso. Para outros, o PRE é o aumento dos preços dos produtos. E terminam por aí. Para outros, é a escassez de alimentos, escassez do vestuário. Mas o PRE são as medidas todas as medidas, para eliminar essa escassez.

E foi dito em 1986, em Novembro, que o PRE exigirá sacrifícios. Foi dito. Lêam o discurso de novo, que foi feito no Conselho Executivo, eu creio que foi quando eu tomava posse como Presidente da República: O PRE vai exigir sacrifícios. Bateram palmas. Disseram estamos dispostos. Os sacrifícios estão agora aqui: e então exigem o fim do PRE, o fim da reabilitação económica?

É claro, pode haver um fim deste PRE se nós tivermos um outro PRE, quer dizer, o fim deste programa quando tivermos um outro programa que seja melhor do que este. Perguntámos aqui: qual é esse outro programa que nos habilite a reabilitar a nossa economia? Qual é? A reforçar a economia, qual é? E dissemos de novo que não vamos poder fazer o balanço do que conquistámos com o PRE antes do fim de três anos.

Ainda não acabaram três anos. Eu ainda não completei três anos como Presidente. No entanto, o PRE já não presta, já não estamos dispostos a suportar sacrifícios. Olha, todos estão de sapato aí, todos estão de sapato. Na rua também é assim a gente vê: sapato de plástico, de borracha. Mas estão de sapatos. Quando falámos de sacrifícios, não estavam todos de sapato não. Naquela altura mesmo em que estávamos falando. Alguns têm uma camisa e em cima da camisa têm um casaco amarelo ou azul e também nos distritos já aparecem vestidos de algumas cores brilhantes. Até se faz agora «Xiluva». Mas ainda não acabaram os três anos.

O sacrifício ainda é exigido e nós não dissemos que o sacrifício ia acabar no fim dos três anos, dissemos que no fim de três anos vamos fazer o balanço para vermos quais os passos a seguir e tudo está aqui, vamos para o Congresso. Estou certo que

quando chegarmos ao Congresso vão dizer a mesma coisa, o Governo deve estudar. Mas o Congresso é para traçar linhas, traçar orientações de como é que o Governo deve proceder.

(O mesmo trabalhador que antes tivera esclarecido neste ponto que o sentido da sua intervenção era o de se organizar melhor o Exército para ganhar a guerra, é não de fazer conversações com os bandidos armados. Falou depois um estudante, que criticou as verbas gastas pelo Governo em viagens ao exterior e importação de viaturas de luxo. O mesmo Interventor disse que, na sua opinião, deveriam ser investigados os «pontos comuns» entre o Governo e os bandidos armados — nomeadamente para saber se, da parte destes, não existirá também amor à Pátria e ao Povo. Denunciou, por outro lado, o facto de haver indivíduos que engordam com a guerra, nomeadamente que vão buscar comida para o Povo ao estrangeiro e depois ela é vendida na Praça dos Combatentes, tendo o Presidente Chissano respondido.)

Em primeiro lugar, essa pesquisa dos pontos comuns entre nós e os bandidos armados. Nós vamos pesquisar. Mas penso que o orador é um leitor pouco assíduo. Um estrangeiro que seja leitor assíduo podia dizer que essa pesquisa não só já foi feita como continua a ser feita. Portanto, o orador vem um pouco tarde com esse conselho.

Nós tivemos propostas de várias pessoas pelo mundo fora, talvez em forma de pergunta. Perguntavam: senhor Ministro — eu era ministro nessa altura — senhor Ministro, porque não negociam com os bandidos (eles diziam o nome de como se chama o grupo dos bandidos armados) porque é que não negociam com a RENA. MO? E a minha resposta era: negociar o quê? Que se defina o que é que há a negociar. Quando nós descobrirmos o que é que podemos negociar, talvez, poderemos pensar nisso. Negociar com quem?

Quando essa chamada RENAMO nos apresentar a sua definição, a sua base de apoio no interior de Moçambique, a classe que representam. Se representam a burguesia moçambicana, onde é que ela está, se representam a classe camponesa, se representam a religião quais são as igrejas católicas ou muçulmanas, se representam qualquer classe ou camada, se têm uma base social conhecida. Nessa altura podemos saber que estamos a negociar com quem que representa o quê. Portanto, essas perguntas eram sistemáticas — queremos, sabemos, se calhar estamos a combater um grupo que não era preciso mesmo combater, vamos procurar, se calhar não é preciso mesmo combater esse grupo.

Façam favor, senhores jornalistas ou senhores diplomatas ou todos aqueles que me perguntaram isso, de me ajudar: negociar o quê e com quem? Bandidos armados que se chamam RENAMO, tanto quanto nós sabemos a sua génese está relacionada com a África do Sul, com Kaúlza de Arrágoa, com Jorge Jardim, com o Movimento 7 de Setembro.

Em Lusaka estávamos a assinar — conforme se diz em português a tinta ainda não estava seca, da assinatura dos Acordos de Lusaka — quando em Maputo aquilo que veio a ser a RENAMO tomava a Rádio Moçambique em 7 de Setembro de 1974.

Comecei mal porque eu devia ter pedido a alguns aqui para me dizerem

onde é que começa o banditismo armado. Para me dizerem quando é que começa o banditismo armado porque já ouvi muita gente dizer que começou em 1980, depois da Independência do Zimbabwe.

Banditismo armado nesta forma começou no dia 7 de Setembro de 1974: Tomaram a Rádio Moçambique. Ainda a tinta não estava seca, da assinatura do Acordo de Lusaka. Estavam contra quê? Creio que não estavam contra a compra de limousines, não estavam contra a má alimentação no «Self», não estavam contra a falta de machim-bombos para os estudantes.

Estavam contra o quê? E quem os dirigia? Quem era Jorge Jardim, quem era Orlando Cristina, o então Secretário-Geral da dita RENAMO? Quem era ele? Portanto, nós perguntámos: o quê? O quê é que eles reivindicavam então, naquela altura? Um Orlando Cristina o que é que havia de reivindicar? Orlando Cristina, aquele que foi para Dar-es-Salaam enviado pela PIDE para desorganizar a Frente de Libertação de Moçambique em 1963, 64, 65, esse mesmo Orlando Cristina que era Secretário-Geral da dita RENAMO, que começou por ser «Moçambique Livre», um ramo da chamada «África Livre» e depois «Resistência» — que resistia contra quê? Porque nós nessa altura falávamos de independência e eles a resistiram contra ela.

Aí de certeza não era um dos pontos comuns. Nós queremos independência, e eles não queriam a independência, resistiam à independência.

Depois nós encontramos um papel deles que nos dizia que a Renamo queria uma aliança incondicional com o Ocidente. Certamente para um país não alinhado como o nosso, já a palavra «aliança» com o Ocidente merece um pouco de análise e atenção.

Mas sobretudo a palavra «incondicional» penso que não poderia nunca ser um ponto comum entre nós. Quando digo «nós» ouso dizer «nós povo moçambicano» e a dita Renamo. Não sei qual é o país que tem uma «aliança incondicional» com outro país ou com outro grupo de países.

Pontos comuns, perguntámos, serão pontos comuns entre nós Governo de Moçambique e a Renamo, ou entre nós Povo moçambicano e a Renamo?

Para Londres, para ir negociar a reconstrução da fábrica de açúcar que custa 30 milhões de dólares mais ou menos, as fábricas destruídas.

Não são 180 mil dólares e não é o bilhete nem o custo das estadias do hotel do Ministro da Indústria e Energia ou o Governador do Banco que vai negociar a reposição da fábrica de Marromeu e da fábrica de Luabo.

O Presidente da República Popular de Moçambique fez uma viagem no avião «Illysh n», tão grande, tanto luxo,

tanto combustível. Não tem outro, mesmo que se fosse comprar um mais pequeno, que aquele naquela altura em que se comprou aquele não podia ter comprado porque não tinha as condições para o comprar como teve para comprar aquele. Mas veio, não contava com isso, contava apenas em ir angariar a solidariedade, a compreensão dos povos. Regressou e anunciou 350 mil dólares para um programa específico da defesa. Mas lá onde nos deram dinheiro houve baile, bebeu-se vinho também. É um grande turismo?

Infelizmente, nesse país não teve ocasião de fazer turismo. Tanto quanto nos lembramos trabalhou-se a valer com a recepção desses dias em que houve um bom baile. Voltámos e anunciamos 350 mil dólares.

Eu quando era Ministro dos Negócios Estrangeiros também tive uma boa experiência. Viajava e havia alguns ministros que tinham inveja. Eu fiz o favor de levar alguns.

O que eu sei é que nunca mais me pediram. Um deles foi o Reitor aqui. Eu mandei o Reitor para me substituir numa reunião das Nações Unidas, aí que beleza! Quando ele voltou disse camarada Chissano, é melhor ser você a ir porque essas coisas são muito complicadas. Eu quero ficar aqui em casa porque aqui era muito complicado.

É verdade que se eu fosse para ganhar eleições poderia falar numa linguagem aqui exortativa, de levantar os aplausos de toda a gente, ganhar os votos de toda a gente. Bastaria eu dizer que os ministros a partir de hoje vão andar de bicicleta. Bastaria eu dizer que o Presidente da República passará a andar de «LADA» e eu havia de ganhar palmas, palmas e palmas.

E andaríamos de bicicleta, talvez andaríamos de «LADA», não sei quem havia de reivindicar andar a pé. E lembrem-se do que estou a dizer: vão sair da universidade alguns daqui a dois anos. Vão sair da universidade. Vão ser directores. Eu também fui ministro e tive directores e outros ministros têm directores, parece-me que a reclamação é a mesma que alguns professores estão a reclamar.

Há professores que nas terras deles andam muito bem de bicicletas: há directores aqui, há professores aqui que estão a reclamar transporte, transporte, transporte, até há greve por causa do transporte.

Ficámos muitos anos, muitíssimos anos sem importar viaturas para este país, muitíssimos anos, demasiados anos e o grito era de transporte. Era na fábrica, o director da fábrica, eram os administradores.

Este ano, pela primeira vez conseguimos importar carros para os administradores, para os governos provinciais e aí não são suficientes para se fazer o trabalho, não são suficientes.

Pela primeira vez conseguimos fazer isso. E logo as vozes nascem: vamos parar de importar carros. Este ano é o ano em que se inicia realmente a importação. Dirigentes, não dirigentes, pediram carros, têm família, como é que eu me desloco?

Nós fizemos várias tentativas dissemos: não, dirigentes, para se deslocarem vamos pôr aí alguns carros

em aluguer, quem quiser ir para a Matola num sábado ou num domingo aluga carros ali.

Fizemos isso durante algum tempo mas vimos que era quase impossível para alguns dirigentes, outros não. Mudámos e dissemos, olha em casa de cada ministro vamos colocar um carro para os serviços da casa mas fomos ver que a gasolina que era gasta... não queiram saber. A bomba está disponível, deita-se gasolina porque é preciso andar e o carro durava talvez um ano ou dois anos.

Para os directores, nós dizemos agora vamos fazer uma afectação. Não podemos fazer uma afectação para toda a gente ao mesmo tempo porque precisamente senão tínhamos que importar dez vezes mais o número de carros que estamos a importar agora. Mas vamos devagar até ao momento em que para comprar carro vai-se ao mercado e encomenda-se o carro.

Vamos chegar lá, mas por enquanto, vamos lá, temos alguma possibilidade. Talvez vamos chegar à Universidade. Para os médicos tivemos que encontrar uma solução. Dissemos, olha se este homem vai ter um carro, vai tratar do seu carro para além de que vai compensar pelo menos em meticais, não obrigará o Estado a tirar mais dinheiro em divisas para comprar outro carro daqui a um ano porque aquele carro ele vai prezá-lo, vai guardá-lo como deve ser.

Estamos a fazer essa experiência, vamos fazer essa experiência. Alguns dirigentes tinham água e luz gratuitamente, mas as contas eram fabulosas. Agora nós dizemos para ir pagar a sua água e a sua luz para ver se ele próprio poderá controlar o dinheiro. Dinheiro para água e luz, dinheiro para gasolina, dinheiro para a reparação do seu carro etc.

São formas que estamos a experimentar mas o ponto aqui é este ano, o único ano em que muito conscientemente tentámos responder às reclamações que datam de há vários anos e este ano mesmo, então levanta-se alguém que diz: pára, já é demais.

O burro, o neto e o avô — conhecem a história?

Dizem: «você não têm pena, você são muito malucos, deixam um burro andar e você todos a andarem a pé?» Monta o neto e lá adiante encontram alguém: «Mas você são loucos mesmo, deixam o velho a andar a pé e o jovem aí no burro?» Muda-se, monta o velho: «Oh velho tu não tens vergonha com uma criança aí a andar a pé?» Monta os dois e dizem-lhes: «Esta gente realmente não tem pena do burro das pessoas num burro».

É o que nós temos aqui. No fim carregaram o burro nas costas. É verdade. Carregaram o burro nas costas! Mas o que é isso? Em vez de vocês montarem no burro estão a carregar o burro nas costas?»

Mas nós não vamos carregar o burro nas costas e nós devemos advertir as pessoas aqui presentes e outros todos para terem o cuidado com a linguagem que se utiliza para constatar quaisquer situações.

É preciso estudar antes de se dizer o que é. Nós estamos muito preocupados com os desvios realizados nos produtos que nos são doados pela comunidade internacional para o apoio à emergência ou para a solução da situação de emergência.

Nós estamos preocupados com os desvios no nosso Aparelho de Estado e nós queremos que o público nos ajude. Não serve de nada vir aqui e dizer que esses indivíduos que engordam, esses indivíduos que vão à América, procurar ajuda e depois engordam à custa dos produtos de emergência, que engordam à custa da guerra não vale a pena, não vale a pena.

Nós temos a Polícia, nós temos a segurança, nós temos a Comissão Permanente da Assembleia Popular, nós temos o Bureau Político, nós temos a Presidência da República. Se não nos querem confundir dirijam-se a essas estruturas e digam: o fulano de tal fez isto, isto, isto e aquilo.

Denunciem, tomem a responsabilidade das vossas palavras. Enquanto estiverem a pensar que há qualquer coisa, não é proibido dizer, olha nós pensamos que na estrutura tal qualquer coisa não está a andar bem. Mas quando se tem esta certeza para se dizer com tanta veemência de que um ministro foi fazer turismo é preciso que realmente nos digam.

Esse ministro pode fazer turismo e então nós tomaremos nota, não de uma maneira que nos põe confusos, que nem nos permite realmente ter um ponto de partida para uma análise: não deve soar como demagogia, nós devemos falar e é o Partido que também diz que venham e falem, venham e falem, digam às estruturas. Estão prontas para ouvir porque queremos corrigir os erros. Não pode ser em termos de boato, não pode ser em termos de agitação. Nada disso. Temos que ser sérios, denunciarmos seriamente.

Falamos talvez de certas prerrogativas que se dão ao dirigentes para poderem também ter um momento de descanso dentro ou fora do País. Se acham que isso é errado, que digam a forma correcta. «Os dirigentes não devem viajar para férias nem dentro, nem fora do País porque afinal toda a população não pode viajar».

Por isso, quando facilito que ele e sua família podem pagar meio bilhete para irem para Nampula passar as suas férias, ou mesmo para Paris ou para União Soviética, então digam: «Não, Nós pensamos que os dirigentes devem ficar aqui e descansar aqui.»

Só que, digo, quando chegar a tua vez não te esqueças de que disseste isto hoje, dia 27 de Junho de 1989.

Quando disseres que a comida é vendida na Praça dos Combatentes por dirigentes que vão à América pedir e depois vêm vender, ajuda-nos a apanhar esses ajuda-nos a apanhar, ajuda-nos a apanhar, não mobilizes só para que as pessoas estejam agitadas contra um dirigente hipotético que a gente não sabe quem é.

Não estou a dizer que não são os dirigentes a desviar, não. Pode ser que seja um ou outro dirigente, mas para que ele seja detectado e apanhado é preciso uma outra maneira de falar do problema.

Temos que conhecer exactamente quem é e tanto quanto possível dar

mos uma pista, não digo provas, mas uma pista. Onde é que está a pista aqui, com esta maneira de falar?

Limousines, não sei de que tipo de limousines falas, mas já foste fazer um estudo, foste conversar com as estruturas, já foste conhecer qual é o programa? Ou viu limousines a passar e depois falou? Como é? É estudante, deve estudar. Mao Tsé-Tung costumava dizer: quem não fez investigação não tem direito a palavra; mas nós damos a palavra porque estamos a dar a liberdade de expressarem preocupações e neste caso são preocupações de ordem geral.

Mas quando se tomam preocupações como as certezas últimas, as verdades verdadeiras, últimas, a perfeição das perfeições, podem-nos causar dúvidas e confusão.

Portanto, aqui, quem não estudou, faça levantamento, diga que tem uma preocupação, coloque-a mas ficando a saber que porque não estudou não pode realmente fazer a conclusão.

Portanto, nós continuaremos, caros estudantes, a procurar quem são os que vendem na Praça dos Combatentes, quem lhes dá para vender e sabe muito bem que há comissões para isso. Agora só pedimos que nos ajudem. Se os vamos conseguir apanhar, então muito bem, mas nós queremos serenidade e resolvermos os nossos problemas. Caso contrário, não vamos conseguir resolver os problemas.

O Reitor acaba de anunciar a construção de novas casas. Parece que o Reitor teve que viajar para procurar dinheiro para as bibliotecas, para procurar os 180 mil dólares e mais, teve que viajar, e essas viagens que ele fez, estou certo que não chegam a 180 mil dólares. Teve que viajar porque tem que viajar, sobretudo porque ainda temos a tal forte dependência do exterior. Ainda temos que viajar.

Portanto, quando nós fizemos as contas e dissemos que é um pouco difícil, contámos também com esse dinheiro das viagens e sabemos que se esse dinheiro das viagens fosse suficiente para resolver estes problemas, não mandávamos ninguém viajar. De facto, o que faríamos era isso: pagávamos no dinheiro e acabou-se, resolvia-se a questão. Não viajava ninguém, não precisava de viajar. Os médicos e os técnicos de várias ordens que se diz que não viajam, não sei se isso corresponde a uma verdade.

O nosso actual Ministro da Saúde, que não está aqui, ele ficou Ministro da Saúde quando voltava da Inglaterra, onde tinha ido fazer estágio do pós-graduação — não sei quantos mais estão no estrangeiro mas pelo menos em cada Faculdade em que eu visitei, disseram-me que haviam estudantes moçambicanos que estavam no estrangeiro a fazer mestrado ou doutoramento, ou um estágio para regressarem como docentes da Faculdade.

Em várias empresas encontramos que vão e fazem estágios em diferentes sítios, portanto não sei se esta máxima é uma verdade absoluta. Bom, mas se mandássemos só os médicos e essa gente toda andar pelo mundo

fora fazer os seus estágios, depois quando regressassem aqui e me dissessem que não têm dinheiro para comprar os reagentes, eu não sei o que é que lhes responder.

Háviamos de dizer, bem, não há reagentes porque o Governador do Banco não foi fazer o rescalonamento da dívida com o país tal e agora aquele país não nos quer fornecer crédito para termos o reagente. É preciso ponderar tudo isto.

Eu pensava que alguém havia de aparecer para colocar um ou dois pontos, de que eu queria falar. E o primeiro são as bolsas de estudo. Eu não tenho uma solução porque há uma comissão, está aqui reunida para resolver a questão das bolsas de estudo.

Entre os estudantes, queria saber quem é filho de um enfermeiro. Levantem-se, filhos dos enfermeiros. Você sabe quanto é que ganha o seu pai? E a mãe, você sabe? A tua mãe faz o quê? Sabe quanto ganha? Vinte mil e qualquer coisa. Não é? Quem aí é filho do professor primário? Quem é filho de camponês? Não há? Quem é filho de camponês levante as mãos. Filho de operário, levante as mãos.

Eu quando ouvi falar das bolsas, realmente comecei a pensar muito e a pergunta era ver qual seria o ideal para uma bolsa de estudo e também qual seria o possível para uma bolsa de estudo hoje. Então pensei nas variantes — no caso em que nós pagássemos, nós Governo pagássemos tudo para o estudante quanto é que seria a bolsa? Quando digo tudo refiro-me ao custo de toda a educação, portanto as propinas, o alojamento, a comida, o transporte — não falemos de livros porque não há — mas que pagássemos tudo isso, quanto é que seria? Qual seria o custo? Ai nós veríamos qual é o custo portanto da formação de um estudante. Depois eu disse não, não vou fazer este cálculo, é um pouco duro porque eu sei quanto é que custa o ensino pouco mais ou menos na Inglaterra, nos EUA, sei quanto é que custa o ensino nos outros países que têm a possibilidade de dar o ensino gratuito, sei como é que vive o estudante.

Então eu preferi ir para uma outra pesquisa, saber como é que vive a nossa população. Então eu perguntei quanto é que ganha um professor primário, procurei saber qual é o salário mínimo, qual é o salário médio. Há alguns poucos que ganham razoavelmente, razoavelmente digo porque alguns não, ganham segundo o seu trabalho, ganham para aquém do seu trabalho e muito menos ainda se compararmos com os sacrifícios que consentem.

Mas então eu disse que queria conhecer o mínimo e o médio e encontrei que o professor primário ganha em média 49 mil meticals; mínimo, 30 mil meticals.

Enfermeiro, mínimo 34 mil meticals, média 51 mil meticals. O técnico de medicina, mínimo 57 mil meticals, média 60 mil meticals. Técnico agrícola, mínimo 41 mil meticals, média 56 mil meticals. Dactilógrafo, mínimo 26 mil meticals, média 29 mil meti-

cais. Servente do Estado, mínimo 22 mil meticaís, média 22 800 meticaís. Aspirante nas Forças Armadas, portanto já oficial subalterno, 40 800 meticaís. Alferes, 49 mil meticaís. Chefe de posto, 36 mil meticaís. — portanto o administrador do posto. Operários, por exemplo, na Texlom um operário ganha o mínimo de 22 500 meticaís, na Maquinag 24 500 meticaís, médias entre 36 e 37 mil meticaís. Um secretário de direcção ou uma secretária de direcção, 38 mil meticaís. Isto são números que eu colhi e que eu gostaria de dar à comissão que está a estudar as bolsas de estudantes que são filhos de operários, são filhos de camponeses, de professores, de enfermeiros, de polícias.

Ao falar da bolsa deviam pensar uma pouco nestes números e pensar que estou a falar de pessoas que têm dois, três, quatro, cinco e sete filhos para os quais eles têm que pagar transporte, têm que comprar roupa, têm que dar comida, pagam rendas de casa, pagam telefone, pagam luz, compram sabão, etc... E dessa gente que estou a falar. Não estou a falar de um enfermeiro que ganha para si sozinho, e muitos têm sobrinhos a seu cargo, ou netos, algumas são viúvas, alguns são viúvos.

Portanto que pensem para saber com quanto dinheiro uma pessoa pode viver e depois dizer, bom, afinal eu vivo pior que todos. Quando falamos de melhorias, sabemos estabelecer limites. Qual é o limite, portanto — era este um dos pontos.

O segundo ponto foi focado aqui: a ideia da criação de um Conselho Estudantil. Até que a definição seja feita eu não tenho nada contra e creio que a direcção do Partido ou a direcção do Governo não têm nada contra a criação de um Conselho Estudantil. E pensando um pouco no abstracto, talvez teríamos qualquer coisa a dizer depois de vermos a proposta sobre o que é o Conselho Estudantil, quais seriam as suas funções. Mas se as funções do Conselho Estudantil estão a partir da criação dessas condições que eu encontrei aqui em 1974 no Liceu da Beira que era donde começavam as coisas já no tempo colonial; um Conselho Estudantil que vai exigir a abolição de exames ou a abolição de avaliação ou vai contestar a avaliação; e sobretudo se esse Conselho Estudantil é constituído por estudantes do segundo ano, do primeiro ano, talvez quando seriam aqueles do último ano que poderiam propor melhores formas de avaliação para os estudantes que não de vir — isso talvez sim — mas um Conselho Estudantil que vai estar ali para julgar as suas próprias notas, um estudante que vai chegar ali e dizer senhor professor eu passei... não esse conselho nós vamos aceitar. Esse não vamos aceitar.

Eu admito que a classificação pode estar errada ou ser deficiente mas não admitiria que a classificação fosse determinada pelo estudante que está a ser examinado ou julgado.

Seria a mesma coisa ir ao tribunal e dizer: «oh senhor juiz...» Agora o apelo pode-se fazer para as instâncias superiores como num tribunal, num julgamento, é sempre assim.

É por isso que no jogo de futebol há cartão vermelho, cartão vermelho para um juiz, que é o árbitro, e não é o jogador que se deve julgar a si próprio. Agora se o juiz agiu mal, nós temos a federação de futebol, etc. Se as regras de futebol não são boas, até mudarem, faça favor de jogar segundo as regras em vigor. Não se agarra a bola à mão antes de se dizer que no futebol a bola se pode pegar à mão. Só o guarda-redes é que a pode agarrar à mão. Se calhar qualquer dia vão dizer que pode se bater a bola à mão, que isso não faz mal. Pode ser que se diga isso num dia qualquer. Mas as regras de jogo agora são estas, se são boas ou são más, esse é o outro problema. O juiz agora é o professor.

Na visita discutimos esse ponto em duas Faculdades. Aqui esse ponto foi apresentado tal e qual ele aparece. Há professores que contestam, há estudantes que contestam mas diz-se não, a avaliação faz-se assim, é a regra de jogo. Agora aqueles que vão sair talvez vão deixar boas ideias dentro desta discussão mas será para os estudantes que não de vir, que vão encontrar novas regras de jogo.

Portanto, o Conselho Estudantil carece de uma definição e só na base desta definição é que nós podemos ver o mérito desse Conselho Estudantil. Portanto não é a partida que nós vamos dizer se é mau ou é bom, é preciso conhecer o que é, portanto, continuem a trabalhar, a comissão que está a trabalhar nisso e os estudantes, que têm todas as suas ideias, que as dêem a essa comissão para vermos o que será o Conselho Estudantil.

Este assunto está ligado a outro assunto que não foi aqui focado. É de perguntar se os estudantes na Universidade estão suficientemente organizados para poderem contribuir com eficácia na solução dos seus problemas. O ponto da organização. Ontem tentei falar disso na Faculdade da Engenharia, sobre a organização. Os estudantes estão suficientemente organizados? Será a comissão que foi criada, esporadicamente, espontaneamente, o reflexo de uma organização dos estudantes? Será que a organização dos estudantes seria uma organização reivindicativa? Pergunto: estão suficientemente organizados? O Partido apoia e até orienta na medida do possível a criação de diversas organizações, para organizar a sociedade moçambicana para que todos os moçambicanos possam intervir nos vários processos de desenvolvimento económico, social e cultural do país. Há uma organização na linha dos sexos e há uma organização na linha das idades; e na linha das idades nós temos a Organização da Juventude Moçambicana e a maior

parte dos nossos estudantes são jovens.

Se os melhores jovens não estão na OJM para resolver os problemas da juventude, como poderão os problemas da juventude ser resolvidos pela OJM?

A OJM é dirigida por analfabetos, dizem! Como é que será eleito para dirigir a OJM se não estás na OJM? Enquanto a OJM for «deles» e não nossa OJM, como será resolvido o problema da juventude? OJM «deles», quem são «eles», são estrangeiros?

A OJM diz que é a juventude dos moçambicanos. Precisa essa OJM do teu cérebro avançado, mas tu recusas dar esse cérebro à OJM tu recusas formares essa OJM capaz e atras da porta dizer: OJM «deles». Como é que é possível?

Uns dizem: «Essa OJM não dá nada. O que é melhor é ser associação dos estudantes». Bom, daqui a nada a união nacional dos estudantes poderá ser formada.

Mas daqui a nada poderemos ter a idade de ingresso na Universidade aos 18 anos e até poderá ser aos 17 anos. E há cursos que duram quatro anos e quando tiver 21 anos já saíu e não é estudante, é trabalhador e continuará jovem. Portanto, haverá uma parte da juventude que não poderá ser da Juventude, há de ser dos estudantes e outra parte da juventude que há de ser da juventude (...).

Não será União Nacional dos Estudantes da Universidade Eduardo Mondlane, será talvez dos estudantes do ensino superior. Isso não impede que esses estudantes sejam da Juventude Moçambicana porque os problemas da juventude não se circunscrevem apenas aos problemas estudantis.

Mesmo durante o tempo em que o estudante esta na Universidade os seus problemas não são unicamente aqueles problemas ligados à sua formação enquanto estudante, não. Têm muitos problemas na sua vida social que se enquadram no quadro geral dos problemas da juventude.

Portanto, há dois caminhos ou os estudantes são membros da OJM individualmente e ao mesmo tempo membros de uma união de estudantes, também individualmente ou então a União Nacional de Estudantes é o membro da OJM.

Isto é matéria de discussão que os jovens podem fazer. Na União Soviética, os estudantes são membros da organização da juventude mas ao mesmo tempo são membros da organização dos estudantes.

Esses jovens são os mesmos que aparecem na Federação Mundial da Juventude, são os mesmos que aparecem na União Internacional de Estudantes.

Nós agora temos juventude que foi a Pyongyang, e creio que temos universitários lá dentro. Não deixam de ser estudantes. Amanhã haverá um festival de estudantes. A OJM saberia a quem mandar. Ou então estaria muito claro que aqui nós temos estudantes secundários, estudantes médios e estudantes superiores. Eu não disse muito bem: Estudantes do ensino secundário, estudantes do ensino médio e estudantes do ensino superior.

São capazes de pensar que os estudantes superiores são os superiores, portanto, digamos, estudantes do ensino superior.

Estes estudantes iriam para um festival internacional de estudantes e não deixariam de ser jovens, não deixariam de ser da OJM mas aí iriam discutir problemas específicos de estudantes e não da juventude em geral.

Os que estão nas federações de futebol são jovens, os jovens socialistas são jovens, os jovens professores são jovens, os jovens católicos são jovens, os jovens muçulmanos são jovens. Mas enquanto jovens muçulmanos lá discutem problemas específicos da religião enquanto os jovens daquela religião. Não são os problemas gerais da juventude.

Portanto, penso que o problema não se resume em sermos da OJM e deixarmos de ser membros de uma união nacional de estudantes ou sermos membros de uma organização de estudantes e deixarmos de ser da OJM.

Quando ouvem falar na união nacional é porque essa história da união nacional não é uma coisa nova. Nós tivemos aqui uma organização que se chamava União Nacional dos Estudantes Moçambicanos. Eu fui presidente dessa organização, Sérgio Vieira foi membro, dessa organização, o Ministro dos Negócios Estrangeiros foi Vice-Presidente dessa organização.

Aqui em Maputo, e que já se expandia por todo o país, havia o Núcleo de Estudantes Secundários de Moçambique. Eram jovens. Existiu isso, não é uma coisa nova.

Onde houve uma rutura? Houve uma rutura lá para 1965, mas que começou a desenhar-se em 1963, quando depois da formação da Frente. Aliás, durante os anos anteriores, 61 e 60, a União Nacional dos Estudantes Moçambicanos batalhou para que houvesse uma unidade do movimento de libertação, para a criação de uma frente, e impôs como condição de adesão ao movimento de libertação a criação de um movimento único.

Portanto, os estudantes naquela altura, poucos, eram uma espécie de outro movimento de libertação cuja finalidade era a criação de uma frente sólida, sem nenhuma pretensão de ser o líder dessa organização, mas sim de ter uma frente que unisse o Povo moçambicano como uma forma mais correcta de lutar contra o colonialismo português, isto foi nos anos 60, e em 1963, já formada a Frente, dissemos: o nosso objectivo foi alcançado, agora vamos apoiar a Frente de Libertação de Moçambique.

Os inimigos da revolução começaram a manobrar e aí começaram a aparecer os «apolíticos» e aí começou a rutura, pois havia aqueles que queriam continuar com a luta. Nessa altura a União Nacional dos Estudantes era a parte mais avançada da juventude, porque havia juventude na frente. E nós outros deixámos de ir à Universidade a favor dessa juventude.

Criámos as bolsas, contactámos meio mundo e as pessoas foram formadas. Víamos os interesses nacionais da juventude moçambicana, mas

éramos a União Nacional dos Estudantes Moçambicanos. Porque éramos de facto mais avançados em matéria de experiência e em termos organizacionais, tomámos a liderança e criámos a Juventude Moçambicana. A OJM não nasce aqui. Nasce lá na luta e continua.

Portanto este é um ponto a que eu me queria referir, porque a organização é uma coisa muito importante, para podermos resolver os problemas da nossa vida, para evitarmos anarquia, para termos a certeza de que estamos a pensar correctamente e estamos a encaminhar correctamente os nossos problemas para as estruturas adequadas. O mesmo acontece com o Partido: «O Partido não faz», o Partido não diz, «o Partido não quer». Mas quando chega a sua hora de emitir a sua opinião como membro do Partido, não pode, porque não o é. E não é porque não quer. Porque não quer o rigor da disciplina do Partido.

O Partido tem Estatutos e Programa e nos Estatutos há deveres. Porque não quer seguir esses deveres, então não é membro.

Entretanto, acha-se com melhores ideias e não quer pôr essas ideias ao serviço desse Partido para melhor dirigir o país. E aqui falo de jovens e não jovens, estudantes e não estudantes. Há trabalhadores aqui. Não sei o que seria se eu perguntasse quem é da OMM. São tão poucos. Por isso falam da OMM «deles». Quem é da OJM? Falam da OJM «deles». Quem é da OTM? Falam da OTM «deles». Como é que vão resolver os problemas, ver os problemas de uma maneira global?

Assim nós vamos reclamar sempre sobre a nossa barriga, vamos ter a estória do estômago, do coração e do cérebro: Cada um diz que não é que sofre, então se o outro não quer, deixa passar. Não vai fazer mais nada — seria o estômago. E o coração diz: «eu deixo de fazer e pronto, arranja-te», e o cérebro diz: «eu deixo de funcionar, arranja-te». Os médicos dizem: «ainda pode sobreviver com sondas e injecções, e o cérebro vai continuar a trabalhar». Mas parece que não é essa a vida que nós queremos. Não queremos a morte, queremos viver.

Porque não estamos organizados para podermos relacionar tudo o que nós fazemos. Quando falamos do melhoramento das nossas condições de vida, falamos de uma maneira muito objectiva que tem em consideração os vários aspectos. Já imaginaram o estômago e o coração e o cérebro a lutarem e nenhum trabalhar? Porque um acha que o outro só come e não faz trabalho, porque o coração está sempre a bater, mas o estômago des-cansa entre as refeições. Então vamos morrer.

Há associações de engenheiros, há associações de artistas, de pintores, há associações de músicos. Porque não uma associação dos estudantes? Associação dos professores já existe. Querem criar a associação dos professores do ensino superior? Bom, discutam se é isso, se é a melhor

organização. Mas que haja uma organização e assim evitaríamos o caos nas ideias e encontraríamos mais lucidez. Então a direcção do Partido e do Governo teria aqui uma fonte muito grande, porque a Universidade é para estudar. Então diriam que sim, aqui estão organizados para realizar um estudo. Evitariam especulações e boatos para se cingirem a estudos adequados e discussões maduras, para a solução de problemas.

O Partido deve estar aqui constituído pelos trabalhadores da Universidade, constituído pelos professores da Universidade e até pelos estudantes da Universidade. Não sei se me fiz entender, se a crítica foi demasiado longe, viemos para conversar e ter ideias e espero que no próximo encontro conheceremos uma actividade maior, teremos até muitos problemas resolvidos porque estaremos melhor organizados e teremos mais força para avançar.

A Luta Continua!

Independência ou Morte! Vencemos!

Viva a Juventude Moçambicana!

A Revolução Vencerá!

O Socialismo Triunfará!

Estou certo que este não é o ponto comum que nós temos com os bandidos armados. Disto estou certo, certíssimo. Mas esse ponto não impede que se encontre uma solução para o problema da guerra, porque nós sabemos que a construção do socialismo é um processo. Hoje, numa dessas viagens que nós fazemos no exterior, vamos pedir dinheiro para dar aqui a capitalistas, portanto, ao sector privado para o desenvolvimento do nosso país. Sabemos o que é que estamos a fazer, porque o ponto principal é o desenvolvimento económico e social, esse é o ponto principal. Se é isso que eles querem, que venham.

O Socialismo Triunfará!